

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

**AGRESSIVIDADE INFANTIL: A CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO AGRESSIVO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA**

Joana Paula Träsel

Lajeado, dezembro de 2015

Joana Paula Träsel

AGRESSIVIDADE INFANTIL: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AGRESSIVO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Ma. Cláudia Inês Horn

Lajeado, dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero expressar a minha gratidão ao Centro Universitário Univates, especialmente ao Curso de Pedagogia. Gratidão aos meus colegas, amigos e amigas e aos professores por esses cinco anos de convivência, de estudo, experiências, pesquisas, aprendizados e conhecimentos, os quais certamente farão parte da minha bagagem na caminhada que se estende a minha frente.

Um agradecimento especial para Ma. Cláudia Inês Horn que aceitou o desafio, apesar de uma agenda repleta de responsabilidades, sempre muito atenciosa, ouvindo e auxiliando, ousando compartilhar o seu conhecimento no enriquecimento do meu trabalho.

Um abraço carinhoso aos meus pais Clécio e Glaci, pelo apoio incondicional e por me ensinarem a sonhar e a batalhar pela realização desses sonhos. Ensinaram-me a importância do tempo na busca pelo saber, por isso, o trabalho diário e o estudo à noite, foram impulsionados pela força emanada de vocês, meus pais amados.

Ao meu namorado Robson, pelo apoio, pela paciência, e, acima de tudo, pela compreensão. Sua presença foi fundamental nessa etapa. Obrigada!

À professora, Dra. Mariane Inês Ohlweiler, que, com paciência e delicadeza, aceitou ser minha avaliadora.

Enfim, gratidão a todos que fizeram parte dessa trajetória, desde 2011, e com alegria poder dizer: Estou aqui! Venci! Valeu a pena!

RESUMO

O presente trabalho constituiu-se a partir da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, iniciada no semestre A/2015, vinculada ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES - Lajeado/RS e tem como foco problematizar a agressividade infantil, analisando a constituição do sujeito agressivo na escola contemporânea. Fez-se necessário refletir sobre as práticas que estão voltadas a esse sujeito dentro do ambiente escolar, bem como a sua manifestação dentro da sala de aula; como a escola e a família podem e devem agir, para então tentar problematizar as práticas que vêm sendo desenvolvidas. Os objetivos dessa pesquisa foram: analisar as atitudes que configuram uma criança agressiva e, como lidar com isso, nos dias atuais; compreender quais são as funções da família e da escola no atendimento à criança dita agressiva. Nessa pesquisa, de cunho qualitativo, foi utilizado como instrumento para produção de dados empíricos, o Grupo Focal. Entende-se como Grupo Focal, a formação de um grupo que refletirá, discutirá e analisará conceitos, impressões e concepções relativas ao tema. A pesquisa de campo, que aconteceu no segundo semestre de 2015, teve parceria com pessoas de diferentes funções na área da educação (professores, coordenador pedagógico, diretor, pais) que possuem algum vínculo com o ambiente escolar e que já vivenciaram experiências com crianças ditas agressivas. Estes encontros aconteceram em local extraescolar, semanalmente, e foram mediados pela pesquisadora através do planejamento de diferentes dinâmicas. Todas as conversas foram gravadas e transcritas para posterior análise. Por tratar-se de um tema polêmico e delicado, que toma dimensões dentro dos espaços escolares, através dessa metodologia, buscou-se direcionar novos olhares, quebrar paradigmas, traçar estratégias para a superação desta situação-conflito, onde o foco será sempre a criança agressiva. É fato que pais e professores, escola e família e a sociedade como um todo, estejam preocupados com os discursos que envolvem a Agressividade Infantil. Portanto, a partir da análise de dados, percebe-se o quanto esta temática está atrelada à necessidade de buscar, constantemente, a parceria entre família e escola, além de qualificar professores para conduzir essas crianças agressivas. Ao mesmo tempo em que se parte das análises dos dados empíricos, evidencia-se a importância da mídia que entra em cena nas provocações de comportamentos agressivos. Essas questões, antes de caírem na armadilha do discurso que remete à parceria família e escola, à qualificação constante do docente e às influências da mídia no comportamento infantil, devem ser refletidas e dirigidas para além das certezas já anunciadas pelas verdades pedagógicas, para além da criação de um manual ou receituário de como agir com crianças agressivas.

Palavras-chave: Agressividade Infantil. Criança. Escola. Família.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Agressividade em crianças pequenas.....	21
Figura 2 – Crianças com comportamento agressivo	21
Figura 3 – A primeira infância e os comportamentos agressivos: a família e a escola	22
Figura 4 – Desenhos animados e a agressividade infantil: mais um desafio para o educador	22

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participantes do Grupo Focal e suas respectivas formações	25
--	----

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AGRESSIVO.....	11
2.1 Problematizando a agressividade.....	14
2.2 Atitudes que as crianças apresentam na escola da contemporaneidade....	16
3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	18
4 O PROFESSOR DIANTE DA AGRESSIVIDADE	27
5 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA.....	32
6 A MÍDIA INFLUENCIANDO O SUJEITO AGRESSIVO.....	39
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	50
APÊNDICE A - Convite para as participantes do Grupo Focal.....	51
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Informado	52
ANEXO	53
ANEXO A - Reportagem da Revista Crescer - abril/2013: “Falta limites? De quem, crianças ou adultos?”	54

1 APRESENTAÇÃO

A agressividade na infância é um tema muito discutido, questionado, analisado e debatido por pais, professores, instituições escolares, e se tornou um discurso emergente na realidade atual. O tema gera um discurso recorrente partindo de professores, diretores, coordenadores de escola e ocorre na sala dos professores ou em reuniões pedagógicas, com relatos de fatos, situações com crianças ditas agressivas, e na maioria das vezes, os professores não sabem como proceder o que acaba gerando polêmicas e discussões.

Na escola, os sujeitos ditos agressivos são vistos como sujeitos que possuem “algo diferenciado”, algum problema, ou dificuldade. Se ele não é agressivo, é hiperativo, entre outros, e isso se torna uma dificuldade enfrentada e necessita ser avaliada. Percebe-se que, na sociedade contemporânea, há uma necessidade constante de atribuir uma identidade ao sujeito, ou seja, nossos comportamentos e atitudes passam a ser nomeados a partir de algumas verdades construídas: sou agressivo, sou hiperativo, sou negro, sou índio, entre outras inúmeras identidades sociais.

Fala-se muito em “sujeito anormal”, mas como definir esse “sujeito anormal”? A pessoa que está “fora do normal”? O que é o “normal”? O que é ser “anormal”? Sabemos que é um tema em evidência, em qualquer ocasião, e sabemos também que é necessário intensificar debates, ir além para tentarmos entender um pouco mais sobre a constituição desses sujeitos.

Sendo assim, o principal foco deste trabalho será problematizar a agressividade infantil, analisando como se constitui o sujeito agressivo na escola, as práticas que são voltadas a esse sujeito dentro do ambiente escolar, como ele está

se manifestando dentro da sala de aula, como a escola, juntamente com a família podem agir, para então tentar problematizar as práticas que vêm sendo desenvolvidas na escola e na família.

De forma a aprofundar essa investigação, os seguintes objetivos específicos foram elaborados:

- analisar quais as atitudes que configuram uma criança agressiva, e como lidar com ela, nos dias atuais;
- compreender quais são as funções da família e da escola no atendimento à criança caracterizada como agressiva.

Durante essa pesquisa, utilizei alguns estudos do filósofo Michel Foucault (2001), porém, aprofundei basicamente em mestres, pesquisadores(as), professores(as), graduandos(as), doutorandos(as), como: Maria Isabel Lopes (tese de Doutorado - 2013), Maura Corcini Lopes (2005, 2007, 2009), Maria Cláudia Dal'Igna (2007, 2012), Cristina Locatelli (2001), Alan Train (1997), Elí Terezinha Henn Fabris (2005), Marilda Lipp (2014), entre outros.

Utilizo, ao longo deste trabalho, a expressão “escola contemporânea”, para expressar alguns deslocamentos na escola da atualidade, com práticas e modelos diferentes de ensinar e aprender. Entretanto, a expressão “Contemporaneidade” não pretende assinalar uma superação da Modernidade, pois tal como aponta Veiga-Neto (2011), a Modernidade convive com a Contemporaneidade. César e Duarte (2009), corroboram com esta ideia, ao afirmarem que:

[...] a escola contemporânea ainda é uma instituição disciplinar e nela encontramos velhos artefatos como currículos, grades curriculares, exames, boletins, carteiras enfileiradas e professores e professoras que clamam por mais disciplina nas aulas. Todavia, por outro lado, também se observa a entrada definitiva de novos temas e de problemas que passam a habitar e a colonizar definitivamente os velhos programas curriculares, tais como a ética, o consumo, o meio ambiente, a sexualidade, as relações étnico-raciais, as relações de gênero [...] (CÉSAR; DUARTE, 2009, p. 129).

Nas escolas da contemporaneidade, percebe-se que a agressividade está mais evidente e se manifesta de forma mais frequente, mas como essa agressividade era manifestada antes? A agressividade expressa pelas crianças

surge das mais diferentes formas seja verbal, física ou psicológica pode ser considerada o maior desafio das escolas, hoje. Olhar a agressividade da criança e mudar o seu foco pode ser um caminho a ser trilhado. O professor com dificuldade de lidar com situações de crianças agressivas, geralmente age no momento com a primeira ideia que lhe vem à cabeça, sem ter certeza de que é a melhor maneira de agir em tal situação. Geralmente, o professor critica a família da criança, enquanto que essa, por sua vez, também julga a escola. Mas pensando bem, o que compete à família? Como a família deve agir? E o que compete à escola? Até onde a escola deve e pode intervir? A escola pega a “bola” e joga a “bola” para a família, e a família pega essa “bola” e a joga de volta para a “escola. Com isso, onde vamos chegar? Muito mais que medir forças, a escola deve buscar aliados. Muito mais que impor verdades, a escola deve tentar acordos e estabelecer parcerias.

No capítulo intitulado “*A constituição do sujeito agressivo*”, me propus a contextualizar os sujeitos anormais e os sujeitos normais. Compreender os sujeitos agressivos da sociedade, hoje, entender a importância de existirem essas “diferenças” dentro dos ambientes escolares. No subtítulo intitulado “*Problematizando a agressividade*”, tive como foco pesquisar referenciais que problematizam sujeitos ditos agressivos dentro do ambiente escolar, o porquê de surgirem situações assim, e como agir diante disso. No subtítulo seguinte, nomeado “*Atitudes que as crianças apresentam na escola contemporânea*”, o título do capítulo deixa claro que serão aprofundados os comportamentos que as crianças apresentam dentro do ambiente escolar.

O capítulo intitulado “*Caminhos Investigativos*” é o ponto chave da minha pesquisa de campo como um todo, são novos pensamentos e novos olhares sobre a pesquisa. Nele me propus a realizar uma pesquisa empírica, como instrumento utilizo um Grupo Focal com um grupo de professores, coordenadores, pais e diretores que, em algum momento possuem contato com crianças ditas agressivas, para então, juntos problematizarmos sobre o tema Agressividade Infantil.

O capítulo, “*O professor diante da agressividade*” resume quais são as funções e atribuições do professor dentro da sala de aula e as dificuldades que os mesmos enfrentam ao ter de lidar com determinadas situações. O desafio do

professor na escola contemporânea é o de conviver com esses sujeitos agressivos, buscando constantemente estratégias para tal.

O capítulo seguinte, denominado “*Parceria Família e Escola*” pretende abordar a relação entre esses dois pontos, qual a função da escola perante situações agressivas e qual a função da família. E ainda, a importância de escola e família abraçarem essa causa.

O capítulo intitulado como, “*A mídia influenciando o sujeito agressivo*” remete a situações onde a televisão, a internet e os jogos de computador, que apresentam programas que estimulam a agressividade, permitem que as crianças possam repetir cenas visualizadas, no seu dia-a-dia.

Através do meu trabalho como educadora de uma escola infantil do Vale do Taquari/RS, percebo o quanto existem crianças caracterizadas como agressivas dentro das salas de aula, indiferente da faixa etária, inclusive nas mais tenras idades. O problema causa muitos debates nas reuniões pedagógicas e gera questionamentos: como agir com essas crianças consideradas agressivas? Qual seria o limite da escola? Como buscar o envolvimento da família no processo escolar? É isso que pretendo debater ao longo desse trabalho, trazendo hipóteses e gerando questionamentos sem respostas, focando especificamente, na área da Educação Infantil, mas que pode e se estende ao longo do Ensino Fundamental.

Dessa forma, percebo a importância da minha temática de pesquisa, ou seja, o Grupo Focal. Busquei oportunizar um debate entre os participantes convidados, em que situações foram problematizadas e refletidas na busca de um auxílio às crianças agressivas. Alertar para a função da família e da escola, parceiras, na tentativa de compreender como estamos vendo as dificuldades dessas crianças agressivas na escola, bem como proporcionar uma investigação de como a família e a escola estão agindo.

2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AGRESSIVO

Sujeitos denominados anormais sempre fizeram parte da sociedade, antigamente conhecidos e julgados de uma maneira diferente comparando com os dias de hoje. Hoje, esses sujeitos anormais ainda existem, ainda são bastante falados, criticados, julgados, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Antigamente, já existiam práticas de exclusão para com os sujeitos que não se enquadravam dentro da normalidade. Segundo Lopes (2009, p. 159):

Toda e qualquer norma traz consigo a necessidade de classificação, de ordenamento e de hierarquização. [...] A norma opera no sentido de incluir todos. [...] A norma é o que se estabelece primeiro; a partir dela, demarcam-se o normal e o anormal.

No final da Idade Média e durante toda a Idade Média, aconteceu a Exclusão dos Leprosos, que era uma prática social que comportava uma divisão rigorosa, onde acontecia a exclusão e rejeição de indivíduos que representavam risco à sociedade. E somente no final do século XVII essa prática foi desaparecendo.

No fim do século XIX, obtém-se o domínio da anomalia, que se constitui a partir de três elementos: monstro humano, que vem a ser uma noção jurídica, o ponto de inflexão da lei, ele é o limite. Para Foucault: “Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido” (2011, p. 47).

Em seguida, aparece o indivíduo a ser corrigido que está no exato limite da indizibilidade, e sempre vai ser difícil determiná-lo. Aparecerá no sistema que existe entre a família, a escola, a igreja, a rua, o bairro... “O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível” (FOUCAULT, 2011, p. 50).

O terceiro e último elemento é o masturbador, uma figura nova no século XIX, onde o campo de aparecimento é na família. “Masturbação é o segredo universal, o segredo compartilhado por todo o mundo, mas que ninguém comunica a ninguém” (FOUCAULT, 2011, p. 50).

Com o passar do tempo, essas práticas de exclusão citadas acima foram se modificando, porém, não deixou de existir a rejeição do ser “anormal” dentro da sociedade. Mas, com certeza, suas denominações hoje são diferentes e não chamamos a pessoa diferente de “anormal”, pois ela possui sim, um olhar especial e por isso, é tratada de forma diferenciada, mas com a intenção de incluí-la no âmbito social, embora, de uma forma ou de outra, ela acabe sendo excluída do nosso ambiente. Porém, segundo as palavras de Lopes (2013), o que surgem então são práticas inclusivas, um exemplo bem específico sobre o assunto que estamos pesquisando, é o programa Escola Acessível para Todos, que deve ser acessível a todas as crianças, com ou sem deficiência, que estão recebendo recursos necessários, salas de apoio, professores especializados para então deixarem de ser um excluído da sociedade e ser um sujeito incluído dentro do ambiente escolar regular.

Durante a Idade Média, segundo Ariès (2012, p. 158) “a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental”, onde as relações entre pais e filhos eram diferentes; isto não significava que os pais não tivessem amor pelos seus filhos. A partir do século XVII, esse clima sentimental se modificou, pois a relação entre pais e filhos se estreitou.

O modelo de família predominante foi o modelo clássico, onde tinha: pai, mãe e filhos. Uma família que não fosse assim, não poderia ser denominada de família. E hoje? Como estão estruturadas as nossas famílias? Todas as famílias estão educando seus filhos ou estão terceirizando essa responsabilidade? Nossos professores ainda querem achar que as famílias são estruturadas, mas quantas crianças vivem somente com o pai e madrasta? Quantas crianças vivem somente com a mãe e padrasto? Em quantas famílias ainda existem pai, mãe e filho?

Ariès (2012, p. 189) nos traz que:

No final da Idade Média, a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida quotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro.

Cabia à família, especialmente às mães, a responsabilidade de educar, porém, com o passar dos anos, tudo foi se modificando e com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, as crianças passaram a frequentar a escola, permanecendo no espaço por até 12 horas diárias. Conforme a Constituição Federal de 1988, na seção da Educação, o artigo 208, inciso I nos traz: “Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988, texto digital).

Com um número elevado de crianças na escola e uma enorme lista de espera, a escola e os professores precisam estar preparados para assumir esse compromisso, cientes de que as crianças da sua sala de aula são diferentes uma das outras, com qualidades, características, gêneros distintos. E é precisamos estar preparado para enfrentar as situações.

É importante colocar-se no lugar dessas crianças, que desde cedo, precisam frequentar a escola no turno integral, das 7 horas da manhã até as 17 horas da tarde. Será que isso não atinge um ponto de esgotamento? As escolas estão fazendo a sua parte e muitas já aderiram ao Programa Mais Educação, para então oferecer uma educação de qualidade para todas essas crianças. Este programa é realizado no turno oposto da aula curricular e com objetivo de ser trabalhado mais com o lúdico.

Na sociedade hoje, encontramos muitos sujeitos com alguma dificuldade “de enquadramento social” dentro da “normalidade”, sujeitos esses que sempre existiram, mas que hoje se manifestam sob um olhar diferente sendo este um forte motivo para que tenham um atendimento diferenciado. É importante salientar também que a forma com que esses indivíduos eram tratados modificou-se consideravelmente com o passar do tempo.

Antes de criticar alguma criança com comportamentos diferentes faz-se necessário investigar o que está acontecendo. O que essa “rebeldia” quer mostrar?

Sempre existe algo que precisa ser olhado, por isso, é redobrado o cuidado, antes de tentar julgar.

Para refletir um pouco, Fabris e Lopes (2005, p. 14) dizem:

[...] temos que rever nossos conceitos, nossas crenças, ressignificar nossas esperanças, diminuir o tamanho de nossos sonhos e suspeitar constantemente de nós mesmos. Precisamos caminhar em novos sentidos. Precisamos nos movimentar na escola dentro de um campo de possibilidades que nos propicie condições de reflexão sobre a Educação, a Pedagogia e as verdades que criamos, que utilizamos e que acabam produzindo mais e mais exclusões. Precisamos, longe de uma esperança salvacionista e imobilizadora, olhar para os sujeitos buscando conhecer melhor as condições de possibilidade que estão produzindo as posições de aprendizagem e não-aprendizagem nas escolas que eles ocupam em suas especificidades.

Entender essa diferença como algo a aprender para então enriquecer a trajetória profissional, tudo que é vivenciado são experiências e isso torna o professor em constante processo de aprendizagem. Também seguindo as palavras das autoras Fabris e Lopes (2005, p. 10), que trazem: “Trabalhar com a diferença é pensar o diferente como uma possibilidade e não como uma falta; uma possibilidade que, justamente por sua diversidade, tem algo a negociar, a ensinar e a aprender”.

A diferença está presente nas salas de aula, o que exige saber lidar com isso, ou será que fazer de conta que todos os sujeitos são iguais e passar a tratá-los de maneira igual é o correto? Diante dessa inquietação, passo, na seção seguinte, a problematizar a agressividade, tencionando as caracterizações, os sintomas, os comportamentos que levam uma criança a ser considerada agressiva.

2.1 Problematicando a agressividade

Percebe-se que o índice de crianças agressivas dentro do ambiente escolar está aumentando. Professores trazem, em diversos momentos, discursos referentes à esse aumento da agressividade, tornando-se preocupante para a escola. As situações de agressividade estão cada vez mais difíceis e, muitas vezes não se sabe qual é a melhor maneira de proceder. A verdade é que estamos despreparados para enfrentar o problema.

Quando se fala em crianças, qual a imagem que se passa em nossa mente? Quantas vezes nos deparamos com crianças fazendo fiascos, gritando, beliscando, se atirando ao chão, batendo, chutando as coisas, agindo com extrema maldade, em locais públicos e, ao lado dos pais? A razão dessas atitudes? Trata-se de uma criança, apenas? Ou seria falta de limites?

Há tantos fatores que podem causar essa agressividade, um deles pode ser a imitação do comportamento dos pais, também pode ser necessidade de atenção, disputa de poder dos pais, problemas de relacionamento, entre outros.

Numa reportagem sobre “agressividade controlada” publicada na Revista Linda, no ano de 2007, escrita por Rose Mary Caldas, psicóloga especialista em psicoterapias na infância e juventude, ela defende a seguinte fala: “Brigar de vez em quando é normal, mas quando a criança começa a passar dos limites e se meter em muitas confusões é importante começar a prestar atenção” (texto digital). Para ela, normalmente o problema se resolve com a contenção adequada, mas se não for assim, a agressividade começa a ser um transtorno.

Outro fator bem importante que a psicóloga traz e que muitos já ouviram alguém citar é “umas boas palmadas resolvem o problema”. Muita gente pensa que bater resolve, mas às vezes só piora a situação, e faz com que a criança se torne ainda mais agressiva, e associe que a violência é a resolução dos problemas. E será que agir assim é a melhor solução? A reportagem reforça a ideia de que a violência só reproduz violência. A criança que é agredida hoje poderá tornar-se um futuro agressor. A sociedade possui essa ideia, de que bater resolve, mas não, ela vai tornando a criança mais agressiva e com sérias dificuldades de se relacionar com a sociedade.

Devemos ficar estado de alerta, pois nem sempre estas atitudes significam agressividade. Segundo Locatelli:

Existem, obviamente, situações as quais é normal que, por um curto período, a criança apresente comportamentos mais agressivos, como nos casos de separação dos pais, com a chegada de um irmãozinho, a presença de pessoas novas morando na casa, como avós, primos, tios, etc. Pequenas brigas entre irmãos, amiguinhos e colegas também não devem ser motivo para preocupações (2001, p. 17).

Procurei mostrar, nesta breve seção, as caracterizações que são coladas nas crianças vistas como agressivas. Como podemos perceber, existem manuais que mostram as causas, sintomas, consequências dos comportamentos agressivos. Muitas revistas vêm alertando os professores para observarem, cada vez, os seus alunos, de modo a diagnosticar “comportamentos estranhos”. Para tanto, na seção seguinte, tive interesse em buscar mais referenciais que abordam as atitudes das crianças agressivas nos ambientes escolares contemporâneos.

2.2 Atitudes que as crianças apresentam na escola da contemporaneidade

Muitos pais e professores se sentem fragilizados ao ter que lidar com crianças com atitudes agressivas. Geralmente não sabem como agir, têm medo de fazer algo do qual possam se arrepender depois ou causar um constrangimento maior e, por isso, muitas vezes, tornam-se passivos como se nada precisasse ser feito. Hoje, acontecem muitos casos de crianças agressivas, e o que se ouve de pais ou professores é que foi feito o necessário no momento, não dando a atenção suficiente para aquela situação. Quantas famílias são ‘destruídas’ por situações assim? Quantos empregos perdidos? Qual é o destino dessas crianças agressivas?

Segundo Train (1997, p. 16), “a agressividade não é uma reação àquilo que ocorre em torno da pessoa, mas sim um impulso inato e incontrolável. Os seres humanos nascem com um instinto agressivo”. Não podemos pensar que a criança ao lançar suas atitudes agressivas deve receber a atenção que ela está “entre aspas” exigindo, ela precisa saber que não é através disso que ela vai ganhar o que quer. A criança que demonstra ser agressiva, muitas vezes esses sintomas já vem desde a gravidez da mãe, rejeição, consequência de um parto difícil, etc.

Em seu livro, Train (1997) nos faz pensar em seis fatores que se não forem atendidos poderão resultar em “crianças difíceis”, expressão utilizada pelo autor:

1. a necessidade de ter uma visão clara de mundo: precisa saber que há algumas pessoas no mundo que sempre estarão presentes, que certas regras devem valer e que precisa ser capaz de encontrar seu caminho;

2. a necessidade de ter um objetivo na vida: a criança precisa ter um nível de expectativa que quer alcançar, precisa entender que há certos objetivos que precisa alcançar, e que esses objetivos não devem ser somente do interesse dela;
3. a necessidade de fazer parte das coisas: a criança precisa se sentir como parte de um todo, precisa ter um sentimento de valorização pelo outro, precisa pertencer ao grupo;
4. a necessidade de estímulo: a criança precisa de estímulos, para auxiliar a desenvolver sua linguagem, sua capacidade de pensamento abstrato, seus controles internos;
5. a necessidade de raízes: a criança precisa vincular-se com sua mãe. Isso já acontece desde cedo. Com isso ela começa a se separar, e tornar-se independente, vontade própria e autocontrole;
6. a necessidade de amor: o amor de aceitação é construído no processo de vinculação com a mãe. É necessário reconhecer que amor significa carinho, e isso quer dizer, que precisa atender todas as necessidades anteriores.

Educadores de escolas infantis, rede municipal, pública ou privada, já devem ter vivenciado situações de crianças com atitudes agressivas, mas com certeza, todas as atitudes devem ter sido por motivos distintos, as crianças muitas vezes agem para chamar atenção ou querem mostrar algo que não estamos conseguindo perceber, um pedido de ajuda, talvez.

Train (1997) traz que nas escolas infantis, têm aparecido três situações de agressividade: primeiro, durante jogos, a criança se descontrola fisicamente e perde seus limites, tem dificuldade em disputar. Segundo, são fisicamente agressivas em disputas, mas são controladoras, gostam de provocar mesmo não sendo provocados, continuam repetidamente provocando e ameaçando o outro, geralmente ao conversar a criança fica sussurrando. Terceiro e último, crianças agressivas e dominadoras em sua fala, mas não são fisicamente violentas,

geralmente são as crianças chatas, vistas pelos colegas, não se preocupam em se relacionar com os outros.

Ao frequentar a escola, a criança começa a demonstrar situações agressivas, por não enxergar bem, não escutar bem, por apresentar dificuldades em realizar seu trabalho, de ter menos coisas que a colega, por suas roupas serem inferiores às da colega, por ter de usar óculos, falar errado, a professora chamando a sua atenção, da mudança de rotina ou horários pré-estabelecidos. Tudo são situações simples mas que podem acumular e acarretar em atitudes agressivas. Quantas vezes já nos deparamos com crianças fazendo birra na escola, quebrando seu brinquedo, tirando o brinquedo do colega, se jogando ao chão por não poder fazer o que quer e contrariando tudo que a professora está solicitando? Isso é comum de acontecer em uma sala de educação infantil e, muitas vezes o professor está despreparado para lidar com isso.

O brincar é essencial ao desenvolvimento das crianças, as crianças precisam brincar, faz parte da infância. Pensando nas brincadeiras de sala de aula, o professor proíbe as crianças de brincarem de arma, lutas, por serem brincadeiras agressivas, mas qualquer outro brinquedo pode ser tão agressivo quanto uma arminha de plástico, por exemplo. Uma criança estimulada a ouvir histórias calmas, brincar com brinquedos diferentes e estimuladores, possivelmente serão menos agressivas do que crianças que assistem a filmes de lutas, jogam vídeo game de guerra, ouvem histórias violentas. Conforme Train (1997, p. 52), “expor uma criança agressiva a atividades agressivas, histórias agressivas, filmes agressivos, jogos competitivos, aumentará sua agressividade”.

Ao longo desse capítulo, procurei mostrar como os sujeitos anormais começaram a existir, e que hoje ainda existem, porém vistos, criticados e julgados de outras maneiras. Compreender e entender a constituição deste sujeito anormal, a contextualização da agressividade, as atitudes de agressividade no ambiente escolar é fundamental para dar continuidade à pesquisa de campo.

3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Ao pensar a criança, no contexto escola e família, nos deparamos com diversas situações, relacionadas à agressividade infantil, que nos fazem refletir: porque isso acontece? O que fazer em determinada situação? Será que estou preparada? Muitas vezes ficamos inquietos, sem saber como proceder, o que pensar, como agir, mas não podemos deixar de lado essas situações que nos deixam sem explicações e devemos buscar caminhos para tentar compreender melhor o porquê disso tudo. A pesquisa é uma ótima estratégia para tentar encontrar algumas respostas para tantas perguntas. Bujes (2002) fala da importância da pesquisa, e nos traz que:

A pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis (p. 14).

A partir dessas inquietações, insatisfações, dúvidas e preocupações, apresento a minha pesquisa. Essa tem como objetivo analisar falas, concepções e problematizações de professores, coordenadores, pais e amigos enfocando o tema Agressividade Infantil no ambiente escolar, fazendo uso de uma pesquisa de cunho qualitativo. Segundo Diehl e Tatim (2004, p. 52):

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

A pesquisa qualitativa busca diferentes estratégias para abordar um tema, seja através de interações, inquietações, problematizações, análises, comparações ou, através de diferentes pontos de vista, levando o assunto a uma discussão. Essa pesquisa não busca resultados estatísticos, e sim, parte de diferentes hipóteses que podem se constituir em possibilidades. A partir dessa pesquisa, seleciono o Grupo Focal como metodologia a ser utilizada.

O grupo focal ou “focusgroups” (termo inglês) é uma técnica que surgiu pela década de 1940, e foi criada para nomear as pesquisas desenvolvidas pelo sociólogo Robert King Merton (GOMES, 2005). Desde os anos de 1920, o grupo focal já era usado pela área do marketing (GATTI, 2005). Recentemente, a partir da década de 1980, foi introduzida pelas áreas da educação e da saúde.

Segundo as palavras de Backes et al. (2011), grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou um foco específico.

Também para os autores Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002), o Grupo Focal traz consigo uma característica bem importante, sendo que trabalhar com a reflexão dos participantes, conceitos, impressões e concepções do assunto, são essencialmente de cunho qualitativo.

A metodologia utilizada foi escolhida pela pesquisadora, por ser uma técnica diferenciada e por disponibilizar um debate de pessoas enfatizando a Agressividade Infantil. Mas, para organizar o Grupo Focal, foi necessário dar relevância a vários fatores: composição do grupo, estruturação do grupo, planejamento dos encontros, local e duração dos encontros.

Para constituição do grupo focal, foram convidadas 13 pessoas, através de um convite impresso, entregue pessoalmente, explicitando o que é o Grupo Focal, como será realizado, datas e duração dos encontros, explicação da mediação da pesquisadora (APÊNDICE A). Essas pessoas foram convidadas por serem conhecidas da pesquisadora, e por possuírem alguma relação com a educação, sendo: professores, coordenadoras pedagógicas, diretoras e pais, que em algum momento possuem vínculo com o ambiente escolar e que, com certeza já vivenciaram experiências com crianças ditas agressivas. Ressaltando que dentre

essas 13 pessoas convidadas, somente 11 participaram dos encontros, ao longo dos diferentes encontros semanais.

Foram realizados quatro encontros, com aproximadamente uma hora de duração, na residência da pesquisadora, em um espaço amplo e adequado para esse tipo de atividade, e também por ser de fácil acesso para os participantes. Segundo as palavras de Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002), o local é de extrema importância, os participantes precisam se sentir confortáveis para participar das discussões, o local não pode ter ruídos, afastado de interferências de terceiros e ter um acesso facilitado.

Os quatro encontros foram mediados pela pesquisadora, que planejou diferentes situações para então debater e problematizar sobre o tema “Agressividade infantil”. Trago um conceito de Backes et al. (2011, p. 439) onde:

[...] o grupo estimula o debate entre os participantes, permitindo que os temas abordados sejam mais problematizados do que em uma situação de entrevista individual. Os participantes, de modo geral, ouvem as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias e, constantemente, mudam de posição, ou fundamentam melhor sua opinião inicial, quando envolvidos na discussão em grupo.

Com base em diversas ideias, explico a seguir como organizei e conduzi os encontros do Grupo Focal, ressaltando que para cada encontro havia um objetivo a ser alcançado através da mediação da pesquisadora com os materiais utilizados.

No primeiro encontro, realizado no dia 03 de setembro de 2015, compareceram 5 pessoas, sendo elas: 2 diretoras e 3 professoras. Iniciando, a pesquisadora explicou um pouco do seu trabalho de pesquisa e sobre os encontros. Em seguida, a pesquisadora trouxe uma reportagem da Revista Crescer-Abril/2013, intitulada: “Falta limites? De quem, crianças ou adultos?” do autor Marcelo Cunha Bueno (ANEXO A). A organização do encontro contemplou a leitura da reportagem em conjunto, e após discussões sobre o assunto lançado. O objetivo desse encontro foi compreender alguns aspectos que o autor da reportagem trouxe, e relacionar com o nosso dia a dia, tanto na escola quanto em casa com os filhos.

No segundo encontro, realizado no dia 08 de setembro de 2015, compareceram ao encontro seis pessoas, sendo elas: uma diretora, quatro

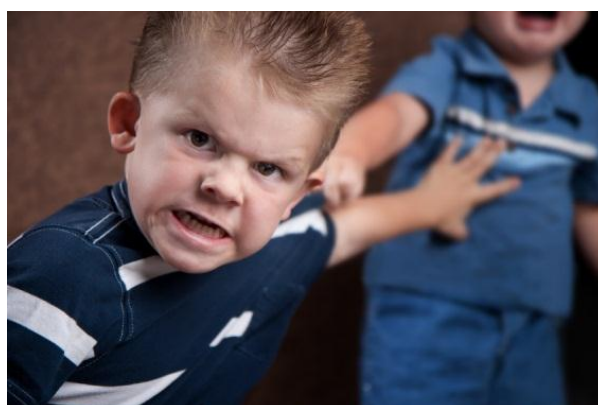
professoras e um pai. Para iniciar, a pesquisadora trouxe quatro imagens impressas em formato grande, expostas em uma parede para serem bem visualizadas, observadas e analisadas. As imagens foram selecionadas por mim, através de uma busca no GOOGLE Imagens e procurei por imagens que mostrassem diferentes situações de conflito entre crianças. As imagens encontradas trazem consigo os seguintes títulos: “Agressividade em crianças pequenas”, “Crianças com comportamentos agressivos”, “Agressividade na infância pode se tornar uma doença grave” e “Desenhos animados e a agressividade infantil: mais um desafio para o educador”. Trago a seguir as quatro imagens, que utilizei nesse encontro focal:

Figura 1 – Agressividade em crianças pequenas



Fonte: Pontes (2012, imagem digital).

Figura 2 – Crianças com comportamento agressivo



Fonte: Cândido (2015, imagem digital).

Figura 3 – A primeira infância e os comportamentos agressivos: a família e a escola



Fonte: Calçada (2015, imagem digital).

Figura 4 – Desenhos animados e a agressividade infantil: mais um desafio para o educador



Fonte: Wades (2013, imagem digital).

O objetivo do encontro foi observar as imagens e tentar entender as cenas, relacionando-as com situações que passamos no dia a dia. Após essa análise, fizemos uma discussão e apontamentos sobre as mesmas, resultando em uma complexa compreensão do que as cenas ilustradas estavam representando.

Em seguida, a pesquisadora lançou a seguinte proposta: representar uma cena, com palavras, ou através de desenho, o que representa a “Agressividade Infantil”. Para isso, a pesquisadora entregou uma folha de ofício para cada participante e disponibilizou canetas coloridas, lápis de cor, giz de cera. Feito isso, cada participante então mostrou a sua imagem, e explicou um pouco o porquê da sua imagem.

No terceiro encontro, realizado no dia 16 de setembro de 2015, tivemos a presença de seis participantes, sendo elas: uma diretora, duas coordenadoras e três professoras. A pesquisadora transcreveu as gravações para o computador, recortando as falas, analisando, pensando, relendo e problematizando, e percebeu a necessidade de aprofundar alguns aspectos referentes ao tema, pois durante o segundo encontro do Grupo Focal, foram ditas quatro frases, por diferentes integrantes, que no momento não foram colocadas em evidência. Conforme Dal'Igna (2012, p. 204) “o que permite caracterizá-la e diferenciá-la das demais técnicas é o seu potencial para produção de informações sobre tópicos específicos, a partir do diálogo entre participantes de um mesmo grupo”. A pesquisadora então, colocou as frases impressas na parede, com letra grande e diferenciada, para chamar atenção, para então aprofundar e problematizar mais sobre as questões. As frases selecionadas são as seguintes:

Diretora 2: *A gente acha que essa história de agressividade é coisa da modernidade, mas não é.*

Professora 4: *Hoje tudo isso é colocado em evidência.*

Professora 5: *Isso sempre aconteceu, mas agora possui um enfoque maior.*

Pais 1: *Eu acho que agora tudo é agressividade, talvez seja uma maneira de se defender.*

No quarto e último encontro, realizado no dia 18 de setembro de 2015, tivemos a presença de seis participantes: uma diretora, duas coordenadoras e três professoras. Foram aprofundados os conceitos de FAMÍLIA e ESCOLA. Qual a função da escola? Qual a função da família? O que está sendo feito? Registro efetuado dos encontros, transcritos e identificados e, assegurando que os componentes seriam mantidos em sigilo.

Conforme Quadro 1, apresento as identificações utilizadas para cada pessoa e sua respectiva formação em relação à educação.

Quadro 1 – Participantes do Grupo Focal e suas respectivas formações

IDENTIFICAÇÃO	FORMAÇÃO
<i>Diretora 1</i>	<i>Curso Normal concluído em 1998. Pedagogia em Curso.</i>
<i>Diretora 2</i>	<i>Curso Normal concluído em 1982. Licenciatura Curta em Estudos Sociais concluída em 1987. Licenciatura Plena em Geografia concluída em 1990. Pós em Psicopedagogia Institucional concluída em 2007.</i>
<i>Pais 1</i>	<i>Curso Normal concluído em 2006. Curso Técnico em Química em andamento.</i>
<i>Professora 1</i>	<i>Curso Normal concluído em 2001.</i>
<i>Professora 2</i>	<i>Curso Normal concluído em 2012. Pedagogia em Curso.</i>
<i>Professora 3</i>	<i>Curso Normal concluído em 2003. Licenciatura em Artes Visuais concluída em 2010. Pós Graduação em Pedagogia da Arte concluída em 2013.</i>
<i>Professora 4</i>	<i>Licenciatura em Educação Física concluída em 1987. Pós em Psicopedagogia Institucional concluída em 2006.</i>
<i>Professora 5</i>	<i>Curso Normal concluído em 2012. Pedagogia em Curso.</i>
<i>Coordenadora 1</i>	<i>Curso Normal concluído em 1987. Pedagogia concluída em 2009.</i>
<i>Coordenadora 2</i>	<i>Curso Normal concluído em 1986. Bacharelado em Química concluído em 1992. Licenciatura em Química concluída em 1997. Pós Especialização em Ensino de Química concluída em 2004.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

É importante ressaltar aqui, que cada participante, ao participar desse Grupo Focal, preencheu e assinou um termo de consentimento (APÊNDICE B), autorizando a gravação das falas dos encontros, para usá-las na análise de dados do trabalho de pesquisa. Todas as falas que utilizarei dos encontros do Grupo Focal ao longo do meu trabalho, colocarei em uma caixa de texto, com letra reduzida e itálica, para um enfoque maior.

Com isso, a partir dos exercícios de transcrições dos encontros, leituras e releituras, análises, compreensões, dúvidas, questionamentos, indagações, recortes, colagens, percebi algumas temáticas significativas nos encontros realizados, durante a pesquisa de campo. Nos encontros do Grupo Focal, foi recorrente a temática da mídia, atrelada à agressividade infantil. Por vezes, a mídia foi uma das incentivadoras ou a propulsora da agressividade infantil. Não havia o propósito

prévio de discutir e problematizar este assunto, mas como se trata de um tema polêmico, aproveitei as falas das participantes para então me aprofundar e buscar embasamento teórico sobre a mídia como influência do sujeito agressivo na escola da contemporaneidade. Partindo da análise dos dados produzidos no Grupo Focal, percebi que muitos aspectos possuíam relações, como: o professor, a escola, a família e a influência da mídia. Com base nisso, apresento os meus próximos capítulos:

1. O professor diante da agressividade;
2. Parceria Família e Escola;
3. A mídia influenciando o sujeito agressivo.

4 O PROFESSOR DIANTE DA AGRESSIVIDADE

Falar em professor, nos vem à cabeça aquela pessoa que passa o tempo inteiro dentro da sala de aula, ensinando, educando e desafiando seus alunos. Muitos acreditam que ser professor é tarefa fácil, mas será que podemos levar em consideração só o lado bom de ser professor? Com certeza não é tarefa fácil. Ser professor demanda responsabilidade, comprometimento, desafios e obstáculos. Para alguns, a profissão docente parece ser algo fácil e maravilhoso. Mas com o surgimento de tantas dificuldades dentro das salas de aulas, muitos professores se sentem despreparados para enfrentar e desesperançosos para vencer esses obstáculos. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96), no artigo nº 13, as funções do professor dentro da sala de aula são:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; III – zelar pela aprendizagem dos alunos; IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional; VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (texto digital).

O professor, possui tantas funções e muitas vezes junto a tantas atribuições, vêm atreladas, inúmeras dificuldades. Seguindo paradigmas, normas e conceitos da normalidade, muitas vezes dentro da sala de aula, o professor julga a criança e não o seu ato, mas antes de qualquer coisa precisa entender e compreender porque a criança está agindo de tal maneira, pois alguma coisa está acontecendo. Geralmente, julga e culpa a família, travando uma verdadeira batalha, sem mesmo

tentar entrar numa parceria para, então, minimizar ou entender essas atitudes agressivas que a criança está demonstrando na escola.

Segundo o Referencial Curricular Nacional Educação Infantil (1998), a competência e a polivalência do profissional são essenciais:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve (BRASIL, 1998, p. 41).

A partir da citação acima, percebemos que o trabalho com crianças requer muitas exigências, ao mesmo tempo em que o profissional precisa ser competente, ele necessita possuir uma formação, ser aprendiz, e saber dialogar com as famílias, seus alunos, e interagindo com colegas e professores. Apesar de tudo, o professor sente muitas dificuldades, ao ter que lidar com situações novas e desafiadoras.

Mesmo com tantas dificuldades, desafios para enfrentar, o professor precisa tomar cuidado com a sua maneira de agir diante de tais situações para que não se aprofunde ainda mais o problema. Analisando o que a autora Lipp (2014) traz, o estresse do professor é um grande resultado de uma postura agressiva na sala de aula, docentes agressivos que gritam para tentar colocar ordem na sala, inspiram comportamentos semelhantes em seus alunos, os alunos acabam assumindo essas atitudes agressivas, pois seus professores também a utilizam, esse professor terá na sua sala de aula alunos iguais a ele. E onde fica a referência do aluno perante o professor? O professor acaba agindo igual ao aluno. Tanto o aluno quanto o professor precisam entender qual o seu papel dentro da sala de aula, dentro da escola, a importância da escola para ele, a importância de respeitar o outro e, de ser respeitado.

Segundo a autora Lipp (2014, p. 96):

O professor na escola tem uma função muito importante em relação aos alunos, pois seu contato é direto. Por exemplo, o professor auxilia na resolução de problemas, é amigo, confidente, substituto da mãe ou do pai e, por fim, é um transmissor de informações. Atualmente os professores acumulam inúmeras funções e, desse modo, precisam conhecer individualmente cada aluno, para realmente poder preparar esse futuro adulto para o mundo. É necessário saber tratar cada um de acordo com suas características pessoais. O professor é a peça-chave da equipe escolar, servindo como modelo para o manejo ou como mais uma peça fonte geradora de stress.

O professor não tem como fugir do seu papel ao ter que lidar com crianças agressivas, ele não pode desistir por nunca ter vivenciado situações assim, precisa enfrentar esse desafio, tentar solucionar e amenizar da melhor maneira, criando estratégias juntamente à família.

Conforme vivências e dificuldades que acontecem dentro de uma sala de aula da Educação Infantil, uma situação que encontramos com bastante frequência são as mordidas. Muitas vezes, na disputa de brinquedos, onde o colega está com o brinquedo, e outra criança tira seu brinquedo, aí acontece a mordida. O que podemos pensar sobre a mordida? Será que ela é uma simples “fase” da vida da criança? Ou será que ela deve ser considerada um ato de agressividade? A criança que morde, tem intenções de agressão? Na caixa de texto abaixo, trago a preocupação de uma diretora quanto às mordidas, um grande problema encontrado nas escolas.

Diretora 1: *Dentro da Educação Infantil, temos que observar muito o que está acontecendo com essa criança, se ela é uma criança que sempre morde ou que está sempre mordendo. Temos que descobrir o porquê dela estar sempre mordendo alguém. O que está havendo? Está vindo algum dente? Porque, às vezes é alguma coisa que os irrita. Eles tentam, porque dói, dói muito quando está nascendo um dente. Pode ser uma forma de extravasar aquela irritação, ou a situação. Mas, quando ela está mordendo sempre a mesma criança sempre digo, temos de investigar o que está acontecendo. Alguma coisa em casa, alguma coisa irritando ela na escola. Depois que ela começou a morder, e ninguém faz nada, pode sim se tornar um hábito*

(Grupo Focal: Primeiro Encontro - 03 de setembro de 2015).

Podemos perceber acima, a preocupação de uma diretora em relação às mordidas, mas temos que nos dar conta de que as mordidas fazem parte do cotidiano das crianças dentro da sala de aula e as escolas de Educação Infantil já lidam com essa dificuldade há muito tempo. Será que é apenas uma fase pela qual a criança passa? Ou será que podemos considerar a mordida um ato de agressividade? Será que temos que fazer com que a outra criança morda de volta, para que o colega sinta a dor e pare de morder?

O professor e a situação-conflito estão ali, dentro daquela sala de aula e, esta nova situação exige a atenção redobrada do professor. Ele precisa saber olhar para seu aluno, olhar e sentir, pois nenhuma situação demonstrada por ele é por acaso. Pensando nisso, destaco a fala de uma coordenadora e de uma professora sobre o importante papel do professor:

Coordenadora 2: O aluno está ali, precisamos fazer alguma coisa por ele. Vamos ter que segurar essa criança por um ano, talvez até mais, a gente sabe disso. Dentro de casa com os filhos, a gente aprendeu a arregaçar a manga e enfrentar o serviço. Fosse ele fácil ou difícil, às vezes para desencardir, a gente precisou lavar mais vezes. Isso é uma postura interna e a criança sente. Se abrimos mão realmente dela, ela se prevalece, e se nos mantemos firme no posicionamento, ela também cede. Nos alunos maiores, vemos os professores com dificuldade com os mesmos alunos, e outros sem dificuldades. E essas dificuldades, não são questão de simpatia ou empatia do professor, e sim de uma questão de postura do professor. Há alunos, que por mais arrogantes que sejam, não se metem ou se metem bem menos. Na nossa escola, temos várias turmas, temos turmas difíceis e turmas boas, mas isso não significa que na turma boa não tenha gente com dificuldade, e que na turma difícil todos dão conta do recado.

Professora 4: Por isso eu digo a gente não desiste do aluno, por mais difícil que ele seja, vamos tentar todos os dias, respirar fundo. Às vezes a gente consegue a mínima mudança.

Grupo Focal: Segundo Encontro - 08 de setembro de 2015.

Acima, uma coordenadora e uma professora de escola trazem a ideia de que não podemos desistir dos alunos difíceis, por mais complicado que seja. Desistir do aluno? Será que existem professores que desistem dos seus alunos? Quem movimenta a sala de aula é o professor e a sua postura dentro do ambiente escolar

é fundamental, porém muitas vezes, com a falta de profissionalização, com o “fechar dos olhos” diante de uma situação, pensando que logo este aluno não será mais seu impedem uma solução. Mudanças na sociedade estão acontecendo, os alunos não são mais os mesmos, os professores não são mais os mesmos, as pessoas não são mais as mesmas, é preciso lidar com as dificuldades, desafiá-las e tentar superá-las. A coordenadora de uma escola, em um dos encontros focais, trouxe a seguinte ideia:

Coordenadora 2: A passividade é um ponto chave da nossa sociedade. A gente não opina, a gente olha as coisas acontecendo, as leis indo e vindo, e a gente não tem posição. A questão da passividade é fundamental. Nós, como sujeitos na sociedade, nos temos um papel ativo, da forma que for, onde quer que a gente estiver, isso faz, com que o professor não desista. Ele tem um papel ativo, me desculpe, quer ser professor, é esse teu papel, tu podes chegar na aposentadoria, tu podes envelhecer no teu cargo, tu podes te estressar, o que tu quiseres, só que é esse teu papel.

Grupo Focal: Segundo Encontro – 08 de setembro de 2015.

De acordo com o comentário acima e analisando o papel do professor diante da agressividade infantil, foco e objetivo desse capítulo, podemos pensar, questionar e refletir: quantos professores têm esse papel ativo? Quantos professores tentam buscar estratégias para alunos com dificuldade? Quantos professores se orgulham da sua profissão e se esforçam dia a dia para lidar com essas dificuldades? As dificuldades estão aí, os alunos estão pedindo socorro, pedindo um olhar atencioso e o professor precisa fazer seu papel: ou ele está na sala de aula simplesmente por estar?

Questões como a desvalorização do professor, problemas de ordem pessoal, habilidades / dificuldades do profissional da educação, muitas vezes são fatores que podem provocar situações de agressividade, no contexto escolar, e se apresentam como grandes desafios, entre tantos outros, ao profissional da educação.

5 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA

Desde muito tempo a família e a escola andaram de mãos dadas. Crianças e adolescentes desde logo sentiam esta coesão e harmonia e dessa forma reconheciam a figura do professor como autoridade. Infelizmente, esse clima de confiança foi se perdendo. A maioria dos pais repassou à escola a função de educar e os professores reclamam o tempo todo da falta de apoio dos pais. Dal'Igna (2011), nos traz a ideia de que a família, sim, participa do processo ensino-aprendizagem da criança, mas ela também é responsável pelo sucesso e fracasso neste processo. A principal educação vem de casa, os pais precisam educar seus filhos e a escola auxiliar nesse processo. Mas é isso que está acontecendo hoje?

Dentro de uma escola, muito se fala da falta de participação dos pais na vida de seus filhos, da falta de interesse e de tempo dos pais, falas de professores, como: “precisamos trazer a família para a escola”. Mas será que os professores querem os pais na escola? Qualquer acontecimento diferente que ocorre com alguma criança dentro da escola, a culpa logo recai sobre a família... porque a família é isso... a família é aquilo. E a família faz o quê? Culpa a escola afirmando que é dever da escola resolver as situações. Mas o que a escola acaba fazendo? Acaba pegando toda a responsabilidade para si. Montandon e Perrenoud (2001, p. 17-18) escrevem:

Na medida em que há uma maior preocupação com a felicidade e o desenvolvimento da criança, onde os educadores não se atêm exclusivamente ao desenvolvimento cognitivo da criança, na medida em que a escola utiliza uma pedagogia invisível, e em que a socialização aí feita tem vindo a ser menos neutra, mais personalizada, o território afetivo da família é, de qualquer forma, invadido [pela escola].

Acontece então que, a escola adota essa responsabilidade, já que a família não a assume. Os professores, quando se dão conta de que essa não é a função da escola, sentem-se sobrecarregados com tanta responsabilidade: ensinar e educar, dois processos que acabam sendo “adotados” pela escola. Uma coordenadora ressaltou com muita clareza sobre isso em suas falas:

Coordenadora 2: A escola não está conseguindo dizer não, isso não me pertence. Precisa aceitar todo mundo, é lei, não pode excluir ninguém. A família não faz seu papel, mas a escola não está conseguindo dizer para família que não possui essa função, e acaba fazendo o que pode, até educando, fazendo mais do que o papel dela, por exemplo. A gente pede para família o que as crianças estão jogando, quais jogos, o que estão assistindo, pois estão apresentando atos de violência. A família, mesmo a gente questionando, não faz nada em relação a isso. A escola precisa impor esse limite, se a família não o faz.

Grupo Focal: Quarto Encontro – 18 de setembro de 2015.

Os pais esquecem ou repassam para a escola o seu papel que é o de educar seus filhos, de ensinar valores, como o respeito, a honestidade, a ajuda mútua. À escola cabe a função de ensinar, transmitir conhecimentos, vivenciar situações para ampliar os conhecimentos dos seus alunos. E um fogo cruzado se estabelece e a criança fica ali, no meio deste “passa e repassa”. Junges (2012) partindo de ideias da autora Dal’Igna, nos faz refletir que:

Se, por um lado, ensinar parece ser cada vez mais uma atribuição da família e cada vez menos uma responsabilidade da escola, por outro, educar parece ser cada vez mais uma atribuição da escola e cada vez menos uma responsabilidade da família. Neste caso, não há uma troca de responsabilidades, pois a escola permanece com a função de ensinar os conteúdos formais, mas agrega a tarefa de educar seus alunos (dar atenção, carinho, cuidar da nutrição e da higiene pessoal, entre outros), a qual antes era de competência exclusiva da família. Já a família continua com sua tarefa de educar, mas passa também a ser responsável pelo ‘sucesso/fracasso’ escolar de seus membros (p. 27).

Para pensar sobre esse passa e repassa, faço uso de uma frase que foi dita por uma professora, durante minha pesquisa de campo:

Professora 4: Em casa, muitas vezes os pais fazem de conta, pois não querem ver o problema, ou fazem uma roda de proteção (que em casa não é assim, a escola está errada).

É fácil trazer para a escola o problema, o problema está na escola e a escola tem que resolver.

Grupo Focal: Segundo Encontro – 08 de setembro de 2015.

Avaliando o pensamento da professora, os pais buscam soluções, nem sempre apropriadas para os problemas e repassam essa função para a escola, uma vez que, criança passa mais tempo na escola do que em casa, com os pais. Muitas vezes, nem sabem como resolver essas questões e simplesmente não agem. E dessa forma, os problemas vão se agravando e dificultando cada vez mais as relações.

Uma reportagem da Revista Linda, traz dicas para os pais entenderem como a agressividade se manifesta nos filhos (em cada faixa etária) e a melhor maneira para agirem perante tal situação:

Até quatro as: Nessa fase a agressividade se manifesta com choro, birras, tapas, mordidas e destruição de objetos e brinquedos.

Como agir: é nessa fase que os limites deverão ficar claramente estabelecidos. Por isso quando seu filho estiver fazendo algo errado diga não com firmeza, mas não esqueça de dar atenção e pequenas recompensas, como beijos e carinhos quando o comportamento for correto. É nessa fase que ela aprenderá a diferenciar o que é certo e o que é errado.

Dos quatro aos 10: Além dos comportamentos apresentados na primeira fase, a criança tende a cometer pequenos atos maldosos para demonstrar sua raiva.

Como agir: além de continuar estabelecendo limites, dialogue bastante com seu filho. Sempre que ele tiver uma atitude violenta converse para tentar entender o porquê desse comportamento. Como último recurso utilize o castigo, mas só após ter uma conversa sobre o que fez e o comportamento que esperava.

Acima dos 10: A agressividade tende a aumentar nessa fase, por causa das transformações hormonais. Mas não deve ser tolerada quando envolve atitudes extremas, como xingar ou agredir os pais, bater ou chutar portas com frequência e brigar demais na escola, na rua ou em festas.

Como agir: geralmente, explosões de raiva são uma válvula de escape para disfarçar sentimentos como tristeza, medo ou culpa. Por isso, converse com seu filho e tente descobrir a verdadeira razão de tanta revolta. Aproveite para explicar o quanto esse tipo de comportamento o magoa. Também é importante de mostrar a ele que você respeita as opiniões dele, mas como toda a mãe, tem que estabelecer regras e impor limites. E o mais importante de tudo: tenha paciência (CALDAS, 2007, texto digital, grifos do autor).

Agora paramos e nos questionamos, será que para todo ato de agressividade tem uma solução? O que a reportagem acima nos traz são receitas de como agir em determinadas situações, mas precisamos nos dar conta de que para a agressividade não existem receitas prontas. As crianças possuem atos mais agressivos, mas não temos como determinar como agir em tal situação. A família precisa mediar e auxiliar para minimizar essas agressões sim, mas não se tem receita para isso. É difícil lidar com a agressividade? Com certeza, mas está aí e precisa ser vista.

A pesquisadora Dal'Igna (2011), em sua tese, traz falas de mães de crianças, que relatam que a escola só chama a família quando está com problemas, quando o aluno está com dificuldades de acompanhar a turma ou quando algo bem ruim acontece. Então traz a ideia de que a escola convida a família para participar, somente quando o aluno está com dificuldades de aprendizagem, mau comportamento, quando existem problemas que precisam ser resolvidos. Esse é o pensamento dos pais e é o que geralmente ocorre nas escolas nos dias atuais. Será que realmente esse é o convite que a família quer receber? Para enriquecer, quero problematizar com uma fala da autora:

À família, caberá: enviar a criança à escola, confiando-lhe sua instrução; estimular a criança a gostar da escola. A escola deverá: preparar-se para receber as crianças, traçando caminhos a serem percorridos para chegar aos resultados desejados; ensinar tudo a todos por meio de um método claro. Ambas – família e escola – devem cultivar o amor das crianças pelo estudo (DAL'IGNA, 2011, p. 112).

O que podemos perceber nos dias atuais é a dificuldade de muitos pais perante a educação dos seus filhos. Não estão mais questionando os filhos do que aconteceu na escola, já não sabem mais impor limites, não estão conseguindo exercer sua função de pais, de autoridade. Mas Train (1997) traz a ideia de que os pais precisam ser ouvidos para que possam se fortalecer, pois se eles sentirem que há alguém percebendo a situação difícil, isso já é suficiente para eles se sentirem fortes para tomarem alguma atitude. E na escola, tudo fica visível sobre o que está acontecendo em casa, a escola com sua função, tenta um bom diálogo com os pais, mas muitas vezes não há trabalho em equipe e não há aceitação. Abaixo, argumentos de pais, professora e direção de escola:

Pais 1: *Eu vejo na escola que os pais, deixam o filho tomar conta. O filho manda. Eles não querem escutar choro, não possuem tempo para escutar choro. Os pais não têm paciência*

(Grupo Focal: Segundo Encontro- 08 de setembro de 2015).

Professora 2: *Hoje em dia não tem mais o diálogo de sentar e conversar. Todos partem direto para a agressividade, tanto as crianças quanto os pais. Os dois são agressivos, são reflexos. Os pais não sabem questionar nem conquistar a confiança de seus filhos*

(Grupo Focal: Quarto Encontro – 18 de setembro de 2015).

Professora 2: Não existe aquela questão de pai e mãe, que pensam demais no trabalho, no que vão fazer no final de semana, no dinheiro que vão economizar, ou ainda no celular. Não existe aquela coisa de se sentar com o filho, de perguntar o que está se passando na escola. Não tem mais aquele contato familiar. O que se perde desde pequeno, quando criança, quando adulto não se corrige mais. Falta base familiar

(Grupo Focal: Quarto Encontro – 18 de setembro de 2015).

Diretora 2: A gente vê por experiência de escola, que os pais vão permitindo e essa permissividade total, fez com que eles se sentissem totalmente impotentes diante de uma situação. Eles têm boa vontade, eles até veem que as coisas estão num caminho não correto, mas não tem mais como recuperar algo que deixaram de fazer

(Grupo Focal: Segundo Encontro- 08 de setembro de 2015).

Os comentários acima, nos fazem parar e pensar: se continuar desse jeito, onde a educação irá parar? Conforme a expressão do primeiro comentário da caixa de texto: “os pais não têm mais paciência”, as crianças passam a se autogerenciar, e quando precisam agir, muitas vezes agem como os seus pais, com agressividade. Os pais que não sabem dialogar com os filhos, não administram o seu tempo com eles, não acompanham o seu aprendizado na escola, quando surgem estas situações de conflitos, sentem-se de mãos atadas. Fatos como estes, revelam que a parceria escola e família ainda está fragilizada.

O que acontece com as crianças mais agitadas e agressivas? Muitas vezes os pais, para encontrarem uma solução mais rápida, acreditam que levando ao médico, irá fazer com que a criança se acalme e se torne menos agressiva. Para todo tipo de criança “diferente” dentro da escola, a solução passa ser o remédio, chamado RITALINA. Estatísticas nos mostram que a maioria das crianças, desde a Educação Infantil e que segue até o Ensino Fundamental, estão fazendo uso desde medicamento para simplesmente “controlar” a hiperatividade, a agressividade, o déficit de atenção, entre outros.

Lobo (2015, p. 213) nos apresenta um comentário preocupante em relação à medicalização:

[...] não só a demanda por medicalização em detrimento da escolarização vem crescendo, como a malha fina dos diagnósticos vem incluindo um número cada vez maior de casos dos chamados transtornos de aprendizagem em idades cada vez mais precoces.

A criança com tais dificuldades, necessita de um olhar diferenciado, não necessariamente precisa ser medicada. Lobo (2015) também traz a ideia de que a diferença precisa ser pensada de forma positiva, como uma diferença pura, porque se não tudo que hoje se rotula como deficiência, sempre será comparado com um modelo, uma norma, um ideal, na qual estaremos sempre em falta.

Train (1997, p. 82) defende a ideia de que:

Se desejamos diminuir a agressividade na criança, devemos entender que tanto crianças quanto adultos podem ser vulneráveis. A situação é complexa: a família é, essencialmente, um sofisticado conjunto de interações que tende a intensificar qualquer elemento de agressividade ou outra emoção na sua dinâmica. Nenhum membro é culpado. Em virtude de nossos sentimentos de impotência, tendemos a procurar um bode expiatório sempre que enfrentamos situações ameaçadoras: pais culpam filhos, e profissionais culpam pais. No entanto, culpar os outros é sinal de ignorância e fraqueza. Se conseguirmos examinar um problema familiar sem sentir necessidade de retribuição, estaremos buscando a solução na direção certa.

Sabemos que a Escola e a Família não podem mais andar separadas, devem sim fortalecer cada vez mais essas relações, sendo aliadas na busca de novos caminhos para revolver essa questão da agressividade infantil, mas com esse repasse de responsabilidades será que vai dar certo essa parceria? Diante de toda a insegurança dos pais, cabe à escola resgatar o papel dos mesmos na educação dos filhos. Os alunos percebendo essa parceria entre escola e família, possivelmente irão apresentar mais pontos positivos do que negativos.

A questão é que a FAMÍLIA e a ESCOLA não são espaços isolados, pois as famílias atuam na escola e a escola nas famílias. Assim, fica difícil delimitar onde “sistema família” termina e onde o “sistema escola” começa.

Por fim, problematizo as falas de Giongo, Horn e Schwertner (2013), que trazem em seu artigo, essa busca da parceria entre escola e família que está em

evidência nos dias atuais, através de projetos, conselhos escolares, assembleias, entrevistas, visitas dos docentes às casas dos alunos, agenda escolar, reuniões. Utilizo os questionamentos das autoras, para pensarmos: Seria uma forma de compreender o discente por meio da organização de sua família? Ou seria uma invasão de espaços? Mescla de funções? Se nesse vai e vem de papéis, funções, discussões, o território da escola foi “invadido” pela escola, e por outro lado, coloca-se a culpa nos pais e mães por causa do fracasso escolar dos filhos (NOGUEIRA, 2006 apud GIONGO; HORN; SCHWERTNER, 2013).

6 A MÍDIA INFLUENCIANDO O SUJEITO AGRESSIVO

Neste capítulo tenho como objetivo compreender como a mídia pode ou não influenciar na constituição do sujeito agressivo. Este assunto surgiu ao longo dos encontros do Grupo Focal, onde aconteceram falas recorrentes das participantes que enfocaram que a mídia pode sim influenciar no sujeito agressivo, na escola contemporânea. Como pesquisadora, decidi então focar sobre o assunto, buscar teoria e problematizações para gerar discussões sobre esse tema.

Pensando na mídia hoje, o que ela está oferecendo às crianças? O que pode ser aproveitado? O que precisa ser descartado? Tudo gira em torno da mídia, ela faz parte da nossa vida e precisamos saber lidar com ela para tirar proveitos, descartando o que não é construtivo.

A mídia para as crianças e adolescentes, está totalmente atrativa, e a todo o momento ocorrem inovações. Há diferentes programas de televisão, diferentes tipos de jogos de computador ou vídeo game disponíveis, que fazem com que as crianças se sintam convidadas para a mídia, onde tudo está ao alcance de todos.

Fischer (2005) traz a ideia de que a TV aberta continua a ser, uma grande fonte de lazer e informação para a população. Ela oferece uma janela para o mundo, acesso de informações sobre diferentes acontecimentos. Em pouco tempo, já estamos informados com tudo que está acontecendo na telinha, informações, notícias, acontecimentos do mundo ao nosso redor.

Carvalho e Ferreira (2005, p. 148) nos trazem que:

Filmes, livros, sites, blogs, peças de teatro, brinquedos, músicas, revistas, programas de TV, enfim, toda a gama de produtos (que estimulam a legitimam determinadas práticas, como as de consumo, por exemplo) aos quais as crianças têm acesso na contemporaneidade, contribuem para a sua formação enquanto sujeitos sociais, ensinando-lhes modos de ser e estar no mundo, modos de olhar para si e para os contextos a sua volta, modos de conferir significado aos eventos, práticas, imagens, sons e pessoas com os quais convivem.

Não podemos simplesmente pensar e acreditar que a mídia só traz influências negativas às crianças. Por exemplo, na escola, os professores se questionam: o que as crianças fazem quando estão em casa? Pois, se já ficaram 12 horas do seu dia na creche, chegam em casa, geralmente o que os pais fazem com os filhos? Deixam-nos em frente à televisão, jogando vídeo game, jogando jogos no computador. É importante os pais saberem que tipos de jogos e que programas de televisão ocupam o tempo de seus filhos.

Problematizo essa questão em foco, com uma fala discutida em um encontro de Grupo Focal, onde uma diretora traz a ideia de que:

Diretora 2: Hoje existe um enfoque maior, a própria mídia, toda ela, toda essa parte dos jogos, informática, internet, os games, os vídeos, os filmes, tudo a que as crianças têm acesso desde pequenas. A gente vê crianças que nem falam, e já estão lá, sentadas, no restaurante, num banquinho de bebê, com seu tablet. Não sabem nem falar direito. E quais são jogos? Que tipo de filtro acontece, o que os pais fazem?

(Grupo Focal: Segundo Encontro – 08 de setembro de 2015).

Pensando no comentário da diretora, realmente as crianças desde muito pequenas já têm contato com a mídia então questiona-se: no que isso vai refletir depois? Será que desde tão pequenas precisam desse contato? A mídia tem tanta informação relevante, mas os pais e professores precisam saber o que a criança está vendo, assistindo ou jogando, precisam “monitorar” isso, pois se deixar de livre e espontânea vontade, os resultados podem não ser nada agradáveis.

Girardello (2005) nos traz que o papel da TV depende de como ela se encaixa dentro da rotina da criança e da qualidade do seu cotidiano. Também traz alguns fatores que são extremamente importantes analisar: a extensão do tempo que a criança passa assistindo TV, o tipo de mediação do adulto e o conteúdo do programa. Assistir à TV faz com que a criança aguace sua imaginação, porém o adulto precisa estar por perto para fazer com que a criança contextualize, compreenda o que a televisão quer transmitir, lembrando que não devemos deixar a criança sozinha de frente à televisão, computador, sem um olhar atento. Uma coordenadora de escola, trouxe em um encontro do Grupo Focal, sua opinião e crítica sobre a mídia aberta:

Coordenadora 2: Olha a mídia aberta, “que porcaria”, mas por que tanta porcaria? Porque tem gente que fica congelada na frente, a criança está junto. Quantas vezes a gente questiona os pais, se a criança está olhando novela, não só em relação à agressividade, mas também ao sexo. Onde ele está aprendendo isso, não conseguimos identificar. Então o pai diz que compraram computador, mas no fundo, o computador é onde menos navegam, a TV aberta é pior, ela não seleciona, no computador eles jogam joguinhos, e ficam hipnotizados, com jogos de luta. Mas a TV aberta, sem nada pra selecionar, as imagens só passam

(Grupo Focal: Segundo Encontro – 08 de setembro de 2015).

Refletindo sobre o comentário da coordenadora e com a problematização que Girardello (2005) nos traz, nos faz pensar, que se os pais não selecionam, não investigam o que seu filho está assistindo, o que está jogando, quem fará esse papel? A criança vai escolher o que mais interessa, mesmo que não seja adequado a sua faixa etária, pois ela não tem noção dessa delimitação.

Pensando na influência da mídia no dia a dia das crianças hoje, Santos, Guizzo e Neuls (2005) tentam distinguir um pouco as propagandas televisivas, brinquedos vistos em revistas, referente aos meninos e meninas. Segundo os autores:

[...] para as meninas, as bonecas Barbie, Susi, dentre outras, além de casinhas e outros produtos que acompanham ou são da griffe de tais bonecas (roupas, maquiagens, cadernos, mochilas, etc.); para os meninos,

os carros e bonecos por controle remoto, bonecos de plástico com armas, pistas de corrida e carrinhos de rolimã; para ambos, bolas, jogos em geral e bicicletas (SANTOS; GUIZZO; NEULS, 2005, p. 157).

Propagandas, revistas, jogos, brinquedos, tudo isso é mídia. As crianças ficam fascinadas com tudo isso. Quanto mais atraente e diferente forem, para elas é ainda melhor. Conforme a fala de uma coordenadora e uma professora, elas acreditam que tudo hoje é estímulo à agressividade, veja:

Coordenadora 2: Algo que hoje tem, é o estímulo à agressividade, as crianças estão expostas, queira ou não. Esses dias eu estava olhando um artigo sobre propagandas violentas, tinha uma propaganda que mostrava os Power Rangers, aí a criança sai da frente disso e vai brincar de Power Rangers, tu dá pecinhas de montar, a primeira coisa que vão fazer é arminha, não é porque eles têm arma em casa

(Encontro Grupo Focal: número 2 – 08 de setembro de 2015).

Professora 4: E se oferecemos um jogo diferente, que não tenha essa agressividade, que nem o Pacman, não tem graça, porque não acontece nada, só precisa pegar o fantasminha e a frutinha para comer. Eles não têm interesse nesse brinquedo, porque é muito light, não tem ação. É complicado a coisa

(Grupo Focal: Terceiro Encontro – 16 de setembro de 2015).

As crianças podem reproduzir o que veem na televisão, na internet, nos jogos, nos programas, nas novelas, nos filmes. Muitos pais, preocupados com os seus afazeres domésticos, ou com as suas questões de ordem pessoal, ou seu descanso e lazer, deixam as crianças de lado e estas ficam desassistidas. A robotização das pessoas já é fato, em muitas famílias, onde elas tornam-se meras reprodutoras de “jeito de ser”, de fazer e de viver, onde tudo se transforma numa “mesmice”.

Fischer (2008) nos traz que a mídia, a partir da televisão, internet, filmes, jogos de computador, convida-nos a enxergar mais. Detalhes minuciosos, como, imagens, tipos de cenas, diferentes corpos, dificuldades, relações de gênero, imaginário da criança. A criança está exposta a tudo isso, ela aprende com isso. A

mídia não oferece a ela situações negativas, pois a criança precisa aprender a selecionar e refletir para levar consigo o que realmente tem valor, com o auxílio dos pais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho oportunizou-me perceber que o tema “agressividade infantil” é uma questão que preocupa a escola e a sociedade, como um todo. A agressividade infantil surge de vários fatores e se manifesta das mais variadas formas, tanto físicas, psicológicas ou verbais. Partindo de todos os referenciais, pesquisas, conhecimentos, falas, problematizações, discussões, percebe-se que não existe um único jeito, um único caminho a seguir. Descobrir o jeito certo ou a maneira mais fácil e adequada de se agir passa a ser um desafio constante. Minha intenção, a partir deste trabalho, não foi redigir um manual de como agir com as crianças agressivas. Antes disso, fui buscar e repensar os discursos que circulam sobre essa temática presente na ordem do dia.

Considero a Educação Infantil um espaço privilegiado para experiências, para discutir, pensar e repensar as situações vivenciadas com crianças agressivas. Apesar de não identificar o surgimento de uma situação conflitante no contexto escolar, e, que num primeiro momento, pode desestabilizar o professor, é preciso encarar, aprender a lidar, errar, repensar e escolher a melhor forma de agir. Pensando na criança, sabe-se que uma das suas principais necessidades é brincar. E através deste brincar, ela vai criando interações consigo mesma e com o outro, vai experimentando novas brincadeiras e brinquedos, vai descobrindo os seus limites e os do outro e muitas vezes, nessas situações acaba expressando atitudes agressivas, tanto verbalmente quanto fisicamente. Ficar atento às mais variadas manifestações que ocorrem dentro do espaço escola, pode ser um fator determinante.

Busquei trazer problematizações sobre a constituição do sujeito agressivo na escola contemporânea, atitudes que este sujeito demonstra dentro do ambiente

escolar, a importância do professor diante de toda essa agressividade, a parceria que a escola e família devem estabelecer e a influência da mídia na constituição deste sujeito. Muitos questionamentos, inquietações e discussões surgiram a partir da pesquisa de campo, onde o tema enfocado, pôde ser aprofundado.

É fato que pais e professores, escola e família, estejam preocupados com a Agressividade Infantil. Por isso, a parceria entre família e escola é fundamental. Ajudar essas crianças, ouvir e conversar com os pais, podem se constituir em boas estratégias para minimizar as dificuldades encontradas. Escola e Família não podem mais andar separadas, devem fortalecer cada vez mais suas relações, tornando-se aliadas na busca de novos caminhos.

Ressalto aqui, a importância e a experiência valiosa que pude levar comigo através da realização do Grupo Focal. Como pesquisadora e mediadora dos encontros, enriqueci minhas concepções sobre o assunto. Problematisações, discussões realizadas durante os encontros e as técnicas realizadas puderam auxiliar nos debates entre as participantes, e assim, diálogos surgiram com muitos apontamentos e questionamentos sobre o tema “Agressividade Infantil.”

Por fim, busco aprender e tentar aprimorar o aprendizado sobre um assunto tão polêmico. Considero missão impossível a de colocar um ponto final num tema tão preocupante e conseqüentemente, tão presente na atualidade. Aqui reside o diferencial em ser professor, quando cada dia passa a ser um novo desafio e cada criança quer revelar o seu interior, onde aluno e professor ensinam e aprendem constantemente.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BACKES, Dirce Stein et al. **Grupo Focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. O mundo da Saúde. São Paulo, 2011.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/art_208_.shtm>. Acesso em: 7 maio 2015.

_____. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 5 de jun. 2015.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2015.

BUENO, Marcelo Cunha. Falta limites? De quem, crianças ou adultos? **Revista Crescer**, abril de 2013. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI16378-15565,00-FALTA+LIMITES+DE+QUEM+CRIANCAS+OU+ADULTOS.html>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

BUJES, Maria Isabel E. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CALÇADA, Andréia. **A primeira infância e os comportamentos agressivos: a família e a escola**. 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://metendobico.blogspot.com.br/2015/06/a-primeira-infancia-e-os-comportamentos.html>>. Acesso em: 2 set. 2015.

CALDAS, Rose Mary. Agressividade controlada. **Revista Linda**, set., 2007. Disponível em: <<http://www.revistalinda.com.br/index.php?area=secoes&id=138>>. Acesso em: 7 maio 2015.

CÂNDIDO, Fernanda. **Crianças com comportamento agressivo**. 2015. Disponível em: <<http://www.psiconline.com/2015/08/criancas-com-comportamento-agressivo.html>>. Acesso em: 2 set. 2015.

CARVALHO, Rodrigo Seballa; FERREIRA, Taís. Cenas da Infância pós-modernas: articulando múltiplas linguagens na constituição das crianças na contemporaneidade. In: MOLL, Jaqueline. **Múltiplos Alfabetismos**: diálogos com a escola pública na formação de professores. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 147-155.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André. Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do fitness. **Revista Educação e Realidade**. Maio/ago., 2009.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Grupos focais e Pesquisa Social Qualitativa**: o debate orientado como técnica de investigação. Ouro Preto / Minas Gerais, 2002.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Família S/A**: um estudo sobre a parceria família-escola. Porto Alegre, 2011.

_____. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 195-217.

DIEHL, Astor Antonio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FABRIS, Elí Terezinha Henn; LOPES, Maura Corcini. **Dificuldade de aprendizagem: uma invenção moderna**. In: 28ª REUNIÃO Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. Caxambu, 2005. Disponível em: <<http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt15/gt15874int.rtf>>. Acesso em: 27 maio 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e juventude**: experiências do público e do privado na cultura, Campinas, v. 25, n. 65, jan./abr., 2005.

_____. Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior. **Proposições**, v. 19, n. 2, maio/ago., 2008.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso no Collège de France. São Paulo, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília-DF: Líber Livro, 2005.

GIONGO, Ieda Maria; HORN, Cláudia Inês; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Escola, família e as novas configurações da contemporaneidade: apontamentos de uma pesquisa. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v. 10, p. 77-92, 2013.

GIRARDELLO, Gilka. **Produção cultural infantil diante da tela: da TV à internet**. Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Alberto. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, jul./dez., 2005.

JUNGES, Débora de Lima Velho. **Família, escola e educação matemática: um estudo em localidade de colonização alemã do Vale do Rio dos Sinos-RS**. Dissertação de Mestrado em Educação. São Leopoldo, Unisinos, 2012.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. **O stress do professor**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

LOBO, Lília Ferreira. O nascimento da criança anormal e a expansão da Psiquiatria no Brasil. In: FOUCAULT, Michel; RESENDE, Haroldo (Orgs.). **O governo da Infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 199- 215

LOCATELLI, Cristina. **Agressividade Infantil: relax e reprogramação emocional para crianças: um guia para pais, educadores, professores e futuros pais**. São Paulo: Sucesso, 2001.

LOPES, Maria Isabel. **Inclusão escolar: um dispositivo ortopédico social**. Porto Alegre, 2013.

LOPES, Maura Corcini. Políticas de Inclusão e Governamentalidade. **Revista Educação e Realidade**, maio/ago., 2009.

MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. **Entre pais e professores, um diálogo impossível?** Oeiras: Celta, 2001.

PONTES, Livia. **Agressividade em Crianças Pequenas**. 2 fev. 2012. Disponível em: <<http://vivenciandoapsicologia.blogspot.com.br/2012/02/agressividade-em-criancas-pequenas.html>>. Acesso em: 2 set. 2015.

SANTOS, Cláudia Amaral dos; GUIZZO, Bianca Slazar; NEULS, Janaína Souza. Propagandas televisivas e revistas: o que elas têm a ver com a educação? In: MOLL, Jaqueline. **Múltiplos Alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 155-164.

TRAIN, Alan. **Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças difíceis**. São Paulo: Papirus. 1997

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

WADES, André. **Desenhos animados e a agressividade infantil: mais um desafio para o educador**. 14 mar. 2013. Disponível em:
<<http://www.gospel10.com/artigos/artigo--desenhos-animados-e-a-agressividade-infantil-mais-um-desafio-para-o-educador--1647>>. Acesso em: 2 set. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Convite para as participantes do Grupo Focal

AGRESSIVIDADE INFANTIL: COMO SE CONSTITUI O SUJEITO AGRESSIVO NA ESCOLA HOJE?

Joana Paula Träsel

Orientadora: Cláudia Inês Horn

Objetivo: Problematicar a agressividade infantil, analisando como se constitui o sujeito agressivo na escola.

Metodologia: grupo focal. Entende-se como grupo focal, a formação de um grupo que refletirá, discutirá e analisará conceitos, impressões e concepções relativas ao tema.

Sobre os encontros: serão 4 encontros, iniciando às 17h30min e encerrando até no máximo até às 18h15min. Será na casa da aluna do curso de Pedagogia, que irá mediar a discussão do assunto através de diferentes técnicas. Os encontros serão gravados e transcritos. Após, será feita a análise dos dados. Os nomes dos participantes não serão divulgados, citando somente a função que exerce perante à educação.

Sua participação: A participação de todos, nestes encontros, será de extrema importância, o que possibilitará uma maior amplitude e aprofundamento em torno do tema.

Datas previstas:

Encontro/Data	Horário
03/09- quinta-feira	17h30min às 18h15min
08/09- terça feira	17h30min às 18h15min
16/09- quarta feira	17h30min às 18h15min
18/09- sexta feira	17h30min às 18h15min

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, aceito participar do Grupo Focal, onde fui convidada pela aluna _____ do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa poderá se utilizar gravações, imagens fotográficas e filmagens dos encontros. As fotografias e as filmagens que serão geradas terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal.

Esse trabalho pode contribuir no campo educacional, por isso, autorizo a divulgação das imagens fotográficas, filmagens, para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do participante: _____.

Aluna do Curso de Pedagogia/UNIVATES: _____.

ANEXO

ANEXO A - Reportagem da Revista Crescer - abril/2013: “Falta limites? De quem, crianças ou adultos?”

Falta limites? De quem, crianças ou adultos?



Muitas famílias me procuram para conversar a respeito de limites e de uma tal de “agressividade” infantil. Trazem os mais diferentes relatos de espancamento, cusparadas, mordidas e empurrões. Falam dos escândalos em lugares públicos, em festas de crianças, na porta da escola... Sempre se perguntam se a criança tem algum problema, se esse comportamento acontece também no espaço escolar. Sempre trazem a mesma questão: como colocar limites? Como fazer para a criança obedecer e se tornar educada?

São dois pontos importantes e que estão ligados a dois aspectos: um de ordem conceitual, pois existe um modelo de criança esperado pelas famílias, portanto, uma concepção de infância, e outro, de ordem “prática”, que está relacionado ao conceitual, que dirá o que fazer nessas situações.

A primeira coisa que a escola pode fazer para ajudar as famílias é mostrar que é bem possível que o que se espera do filho ou da filha é demais para eles. É tentar fazer com que as famílias construam uma imagem do filho sem estar colada à imagem da criança ideal. Sai a pressão, a conformidade da conduta, entra a criança, colocada na família específica.

Uma vez feito isso, é muito importante que desfaçamos algumas idéias de autoridade. Autoridade não é uma relação construída sem respeito, sem integridade. Autoridade é firmeza, paciência e persistência nas palavras.

Muitas famílias outorgam às crianças poderes de adultos. Escolhem se vão viajar ou não, se vão sair à noite ou não, escolhem os próprios castigos e até se querem ir à escola. Criança não pode fazer isso. Não pode porque é função do responsável por ela. Isso não é criar uma relação democrática, entre iguais. Isso é colocar um peso que o corpo e a mente da criança não suportaria! Isso é deslocar o papel de pai e mãe para uma instância fora do que seria uma referência para as crianças. Outra coisa: pais e mães, e professores também, devem aprender o valor afetivo do “não”. Um não que acolhe, um não que oferece limites, um não que educa. É mais difícil para as crianças conviverem com o não do que com a ausência dele. Já vi diversas vezes mães e pais, depois de uma cena de escândalo de seus filhos, que não conseguiram o que queriam, voltarem atrás e dizerem: “Só dessa vez!”. Isso é ausência de autoridade.

Muitos familiares, para evitar cenas de birra em público, acabam cedendo às pressões dos filhos e filhas e, com isso, prestam um desserviço à educação dos mesmos. Depois de um tempo, de tomar tanto na cara, pais e mães perdem a paciência e partem para a autoridade que não queriam ter: revidam a desobediência com os mesmos tapas e gritos das crianças.

Bem, em escola, é bem comum ver aquelas crianças que batem mais, que resolvem seus conflitos de forma mais corporal, ou seja, com tapas e pontapés. Ou crianças que tentam, por meio de gritos e choros, conseguir o que querem. Isso não pode ser “uma coisa de criança” e simplesmente deixar acontecer, pois seria pensar a criança como aquele ideal infantil. Isso deve ser resolvido. Se ela sempre bate nos amigos, o professor deve fazer algo com ela. Sem castigos ou coisa do gênero. LIMITES! Sinto que muitas escolas e muitos professores têm medo de dizer não, de colocar limites também. Isso não pode acontecer. Se escola é um espaço repleto de regras, é repleto, portanto, de transgressões, então, a mesma deve se preparar para lidar com isso. De forma clara e direta, sem rodeios.

Clareza é a chave para o sucesso! Ser franco e direto alivia a criança da angústia das decisões tardias dos adultos. As crianças precisam de limites no momento que os pedem. Fica mais fácil para aprender, fica mais fácil para crescer. Colocar limites é fundamental para que construam um espaço, digamos, assim, geográfico das relações sociais.

À medida que as crianças crescem, percebo que as intervenções das famílias precisam ser repetidas diversas vezes. É isso mesmo, repetir até ficar diferente. O fato da criança voltar, vez ou outra, à mesma atitude, pode não significar que ela não aprendeu, ou não entendeu, mas sim que ainda precise checar algumas situações e ver como os pais e mães se colocam frente a elas e como as pessoas reagem quando age dessa forma. Não adianta ameaças e ceninhas, as crianças precisam de ação. O que pode, pode, o que não pode, não pode e pronto. Elas esperneiam, choram, mas todos sabem o fim, é preciso ser firme e ter paciência.

Criança gosta de repetir as coisas. Assiste ao mesmo filme diversas vezes, pede para contar a mesma história sempre, gosta de brincar das mesmas brincadeiras. Repetem para aprender, para elaborar e construir uma idéia de mundo. Muitos familiares dizem que já tentaram de tudo para fazer com que seus filhos ou filhas parem de bater, de falar palavrões, de dar pontapés. Perguntam-me qual é o problema... querem levá-los ao médico, fazer ressonância da cabeça. Digo que o problema é que tentaram de tudo... e não uma coisa apenas.

Não adianta fazer malabarismos na educação de crianças. É preciso ter firmeza nas palavras, fazer valer diante das situações. Colocar a regra e que tipo de intervenção irá acontecer quando ela for descumprida. A criança vai checar para ver se ela continua valendo, se o pai e a mãe realmente sabem o que fazem e dizem. Existe família que acha que isso é pouco caso, repetir a mesma bagunça... mas não é não, muito pelo contrário... é por fazer muito caso, é por dar muita importância, que a criança repete as cenas.

Na verdade, podemos dizer que a tal “agressividade infantil”, ou coisa que o valha, é, muitas vezes, um pedido de socorro. Um pedido pela presença do adulto, um pedido que deve ter começado lá atrás, desde cedo, e que as famílias não souberam ou não quiseram ler. É preciso também colocar limites nas ações dos adultos, pois eles são os únicos responsáveis pelas crianças que cuidam.

Quando aprendemos a ler as crianças e sempre colocamos as coisas nos lugares, conseguimos identificar melhor o que acontece realmente com elas, ou seja, quando é um pedido de socorro e quando é um ato violento. Por isso, pais e mães devem se aliar às escolas para entenderem e se formarem melhor quando o

assunto é limites. Devem conversar bastante com professores para perceber quais comportamentos também fazem parte da vida da criança, pois, se na escola é tão diferente do que acontece em casa,... algo está dissonante!

Autor: Marcelo Cunha Bueno é educador e diretor pedagógico da escola Estilo de Aprender, em São Paulo.

Fonte: Bueno (2013, texto digital).